

Resistir em Estudos Organizacionais: O que Aprendi com ele

Elisa Yoshie Ichikawa

Resumo Neste texto, presto uma homenagem ao Alexandre de Pádua Carrieri, abordando de forma muito particular, suas práticas de resistências nos Estudos Organizacionais. O ponto de partida é minha experiência como pós-doutoranda no NEOS – Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade – e a continuidade dessas discussões até os dias atuais.

Palavras-chave Resistência. Alexandre de Pádua Carrieri. Estudos Organizacionais. Cotidiano. Práticas.

Abstract In this text, I pay homage to Alexandre de Pádua Carrieri by addressing, in a very particular way, his resistance practices in Organizational Studies. The starting point is my experience as a postdoctoral student at NEOS – Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade (Center for Organizational Studies and Society) – and the continuity of these discussions up to the current days.

Keywords Resistance. Alexandre de Pádua Carrieri. Organizational Studies. Everyday Life. Practices.

INSÔNIA**PENSO NO TEXTO****NOITE SEM FIM**

Com este *haikai* singelo, apresento como foi minha reação ao ser convidada para escrever um texto em homenagem ao Professor Alexandre de Pádua Carrieri. Depois de muito pensar, matutar, cheguei a uma conclusão: não escreveria um texto acadêmico. Muito embora eu o tenha conhecido por causa da vida acadêmica, não queria escrever sobre suas ideias, seus pressupostos filosóficos e nem queria analisá-lo a partir de seus escritos. Tenho profunda convicção da dificuldade de tentarmos interpretar o Outro, pois esta interpretação seria sempre parcial, tentativa e nunca completa. Decidi que não ousaria tanto, mas me limitaria a colocar neste escrito as marcas que essa relação deixou em mim, por esse elo humano que Alexandre e eu compartilhamos nos últimos anos.

Além disso, homenagem é homenagem. Homenagear não é teorizar, nem analisar, homenagear é explicitar a admiração que temos por alguém, por isso, quero escrever este texto sem me prender a formalidade alguma, número de páginas, nada disso. Quero apenas deixar que as palavras fluam por estas linhas. Sei que não sou prolixa, pelo contrário, sou bastante sintética, o apreço pelos *haikais* já demonstra isso. Então, enquanto escrevo, aviso de antemão que não será um texto longo, pois conheço meu comedimento na escrita. Porém, esse comedimento não significa menos afeto. Pelo contrário, às vezes, há sentimentos que nem precisam ser explicados...

Conheci Alexandre há não tanto tempo. Lógico que lia seus escritos, somos mais ou menos contemporâneos em termos de formação: doutoramo-nos na mesma época e, desde então, já lia alguns de seus textos, admirava suas posições e postura crítica. Entretanto, conhecer pessoalmente mesmo, de conviver, foi só em 2012, quando ele me aceitou para realizar o pós-doutorado no Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade – NEOS da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Antes disso, embora eu já tivesse escrito um capítulo num livro do qual ele era um dos organizadores (CARRIERI *et al.*, 2009), nossa comunicação era formalizada apenas por e-mail.

Bem, em 2012, ele me aceitou para partilhar um ano de estudos na UFMG. Enquanto estudava em um gabinete em frente ao dele, coletava dados e lia para as disciplinas às quais eu assistia no Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração – CEPEAD, convivi de perto com seus orientandos, com ele, com sua rede e também com sua família. Pude observar que ele não era apenas o orientador exigente com seus doutorandos e mestrandos, que tinha tiradas sarcásticas com as pessoas, inclusive consigo mesmo. Pude perceber muito mais do que isso: o quanto ele era generoso, autêntico e vivia a vida conforme suas convicções.

Essas convicções, eu via como uma profunda resistência. E não apenas em seus escritos, como no primeiro texto de sua autoria que li falando sobre essa temática (CARRIERI, 2004). Eu via essa resistência nas suas práticas. Aliás, resistências, no plural, pois em suas próprias palavras (BRETAS; CARRIERI, 2017), não existe apenas uma forma de resistência, mas

diversas práticas das quais podemos nos apropriar. E o Alexandre vive isso em seu dia a dia, no CEPEAD e na academia, de forma geral. Viver essas resistências ajudou a transformar a nossa área, Estudos Organizacionais. Devemos isso a um grupo seleto de pesquisadores, e eu não poderia deixar de citar o Alexandre nesse processo.

Sou professora universitária há mais de 25 anos. Fiz mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, na área de Organizações e Gestão. A área de Organizações (como era chamada na época) era nova naquela década de 1990. Foi um grande salto qualitativo termos nos voltado para o estudo das Organizações, um campo dentro da Administração com grandes discussões sociológicas. Praticamente era algo que não existia à época. Por isso, posso falar, com conhecimento de causa, o quanto essa área – que hoje se chama Estudos Organizacionais – foi mudando ao longo do tempo.

Pois bem, àquela época, o campo do estudo das organizações já era muito diferente das outras áreas da Administração por conta das discussões que trazia: cultura organizacional, sociologia das organizações, poder e controle nas organizações, entre outros temas caros da área. No entanto, a forma como eram estudadas, as questões epistemológicas que estavam por trás dessas temáticas traziam uma explicação muito parcial do fenômeno organizacional: eram ainda abordagens estrutural-funcionalistas, nas quais a discussão girava em torno da objetividade e do controle social.

Em termos metodológicos, também havia um desprezo por qualquer pesquisa que fosse diferente daquela ditada pelo *mainstream* da área. Generalizações e neutralidade científica eram requisitos básicos. A pesquisa qualitativa ainda era o patinho feio do campo, preterida por seu “curto” alcance nos resultados. Discutíamos ciência ainda dentro de um quadrado do qual não era permitido sair. Quem ousasse sair dele tinha muita dificuldade de publicar seus textos: afinal, os periódicos não estavam preparados para lidar com tamanho atrevimento. Mesmo nos congressos, havia pouco espaço para discutir os Estudos Organizacionais fora desses preceitos.

Como diria Bourdieu (1976), o campo científico é um campo de lutas. Nele, diversos agentes travam batalhas, sutis ou nem tantas, para manter suas posições no campo. Ou, então, para ascender. A ascensão de uns pode significar o declínio de outros. E, nesse campo, não estão apenas os pesquisadores, mas as agências de fomento, as editoras, os periódicos, as universidades públicas e privadas, as associações científicas, os programas de pós-graduação acadêmicos e profissionais, as representações de área e quem elas realmente representam... Enfim, é um campo no qual os interesses e as relações se tornam complexas, e cada um desses agentes luta com os capitais que possui para marcar seu posicionamento nessas lutas.

Sendo assim, óbvio que não era – e nem é – um campo homogêneo, por mais que o *mainstream* assim o quisesse. Embora houvesse a prevalência, durante muitos anos, do paradigma estrutural-funcionalista, havia resistências em relação a isto. O campo movia-se, e mostrava que era muito mais multiparadigmático do que um olhar desavisado pudesse mostrar. Podíamos estudar as organizações sob muito mais perspectivas do que nos foi apresentado até então.

Essas práticas de resistência desses pesquisadores muito contribuíram para as mudanças do campo. Foram atitudes contra-hegemônicas que permitiram que a área mudasse. E um desses agentes, que acompanhei mais de perto, seja lendo seus escritos lá no início dos anos 2000, seja convivendo com ele desde 2012, é o Alexandre de Pádua Carrieri.

Pois bem, falei que ele, Alexandre, vive a partir dessas resistências. Respira resistência. Isso é visível em todo ele, na sua figura, na sua voz, na forma de falar, de se vestir – o boné tem o papel de eterno companheiro simbólico e prático do figurino. Porém, as resistências não se dão apenas nesses quesitos. Elas acontecem quando suas leituras e estudos buscam outras possibilidades para se pensar as organizações e a sociedade que nos cerca; pela relação dialógica que tem com seus alunos; pelos debates que ele privilegia nos congressos; pelas temáticas de seus projetos de pesquisa; por suas lutas políticas dentro da universidade e também fora dela; pelo trabalho de formiguinha para dar à nossa área visibilidade em questões importantes que nos cercam; pela luta para que mais periódicos possam privilegiar textos considerados fora do *mainstream* da Administração.

Se observarmos seu currículo, veremos, explícita ou implicitamente todas essas ações de resistência, em seus projetos, em seus artigos. É importante: Alexandre tem, há muito tempo, legitimidade no campo. Foi coordenador de área, líder de tema, coordenador do comitê científico da ANPAD (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração); foi consultor, membro e coordenador do comitê de assessoramento da área no CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Foi um importante agente para a criação, em 2012, da Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais – SBEO, a qual também veio para resistir ao que estava posto.

Então, 2012 foi um ano muito rico para mim, pois, além de ter testemunhado “por tabela” a criação da SBEO, também tive contato com um momento formidável da trajetória do Alexandre: a defesa de sua tese para Professor Titular. É um fato importantíssimo na carreira de um professor universitário. Seu texto sintetiza (se é que podemos dizer isso de um trabalho com mais de 450 páginas), de certa forma, grande parte de uma vida acadêmica dedicada a questionar o que é a Administração. Já em seu prólogo, ele dá pistas do teor do trabalho:

O horizonte da minha ação, no caso específico desta tese, desta pesquisa, está aí como uma possibilidade a mais, constitutiva de minha ação, da ação dos pesquisadores do NEOS, dos sujeitos de pesquisa e não mais como campo neutro de pesquisa, como exterior ao pesquisador. Isso não quer dizer, e nem supor, um sujeito, ou sujeitos determinados pelas estruturas. Os sujeitos aqui são políticos, o estudo da Administração é política, o estudo da gestão também o é (CARRIERI, 2012, p. 13).

Esta tese é, de certa forma, uma homenagem às práticas das pessoas comuns. É quando Alexandre desenvolve o conceito de gestão ordinária. Esse conceito, trabalhado em diversos artigos posteriores (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014; CARRIERI *et al.*, 2018) tenta articular as práticas de gestão do homem comum, em suas artes de fazer (CERTEAU, 2012). Eu mesma tenho trabalhado ultimamente com o conceito de gestão

ordinária, tentando entendê-la não apenas no contexto dos pequenos negócios praticados pelos diversos sujeitos ordinários, mas também das práticas sociais e culturais formadas pela “pluralidade de códigos, referências, interesses pessoais e relacionais” (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014, p. 700) que existem por toda a sociedade, não apenas dentro daquela imposta pelo mundo capitalista e dos negócios.

Assim, de 2012 para cá, Alexandre e eu temos feito muitas parcerias de trabalho: em projetos de pesquisa (CARRIERI, 2014) e também em grupos de trabalho e discussões, como nos do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais – CBEO e também na ANPAD. E temos avançado nesse sentido, ou seja, nosso olhar tem se voltado cada vez mais para outros modos de existir (e resistir), ao quais são frequentemente ignorados ou invisibilizados dentro de um *mainstream* da Administração e que constituem múltiplas possibilidades de romper com pensamentos e práticas totalizantes na área. Com essa proposta em mente, temos convidado pessoas a se juntarem a nós, outros pesquisadores, alunos, de graduação, de mestrado e de doutorado.

Eu, que tive uma formação tão ortodoxa, às vezes me flagro admirada pelas transformações pelas quais passei. Trabalhar esses temas me fez ver a importância da micropolítica, da tentativa de subverter a ordem, do trabalho quase invisibilizado do nosso cotidiano, mas que, no fundo, de invisível não tem nada. Afinal, são por nossas práticas que somos vistos, ouvidos, são por elas que podemos nos mostrar para nossos alunos e que podemos discutir novos elementos de nossa realidade. Esses temas são de uma potência sem fim! Eu aprendi lendo o Alexandre – no início, ele era apenas uma referência bibliográfica para mim. Ao longo do tempo, fui admirando suas práticas subversivas e de resistência, e também fui me inteirando de sua coerência, enquanto ser humano e pesquisador.

Comecei este texto com um *haikai*, então, quero encerrar com outro, embora com certa vergonha. Já soube fazer melhor isso, pois passando os dias da minha meninice aprendendo a língua japonesa, escrevia *haikais* em japonês na escola oriental que frequentava. Existe toda uma técnica para sua escrita, os elementos centrais, o corte e uma indicação da natureza que remeta à estação do ano. Não pensei em nada disso quando elaborei este texto. Pensei apenas em deixar uma marquilha da cultura japonesa, que sei que o Alexandre aprecia por sua infância paulistana passada entre amigos nipodescendentes. Assim, encerro aqui com um desses pequenos poemas, que buscam sintetizar este instante na vida:

Resistência

É a palavra-chave

Aprendamos!

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. Le champ scientifique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 2/3, p. 88-104, jun. 1976.

BRETAS, P. F. F.; CARRIERI, A. P. Uma breve reflexão sobre epistemologias, teorias e métodos da prática social da resistência, **Espacios**, Caracas, v. 38, n. 27, p. 6, 2017.

CARRIERI, A. P. “**Nós que aqui estamos por nós esperamos**”: um estudo das identidades e práticas estratégicas cotidianas na indústria funerária e no negócio da morte (Projeto de Pesquisa elaborado para ser enviado ao Edital do CNPq). Belo Horizonte: UFMG, 2014.

CARRIERI, A. P. **A gestão ordinária**. Tese de Professor Titular, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. 2012. 453 p.

CARRIERI, A. P. O humor como estratégia discursiva de resistência: as charges do SINTTEL/MG. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 11, n.30, p. 29-48, maio/ago. 2004.

CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S.; PIMENTEL, T. D.; SOUZA-RICARDO, P. A. G. (Org.). **Análise do discurso em estudos organizacionais**. Curitiba: Juruá, 2009.

CARRIERI, A. P.; PERDIGÃO, D. A.; AGUIAR, A. R. C. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 698-713, out./dez. 2014.

CARRIERI, A. P.; PERDIGÃO, D. A.; MARTINS, P. G.; AGUIAR, A. R. C. A gestão ordinária e suas práticas: o caso da Cafeteria Will Coffee. **Revista de Contabilidade e Organizações**, São Paulo, v. 12, e141359, nov. 2018.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2012.

**Elisa Yoshie
Ichikawa**

Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Associada da Universidade Estadual de Maringá.